

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade em comemoração ao 50º aniversário da empresa Scania no Brasil

São Bernardo do Campo – SP, 02 de julho de 2007

Meu caro Michel de Lambert, presidente da Scania da América Latina,
Meus companheiros ministros, Miguel Jorge, do Desenvolvimento,
Indústria e Comércio; Luiz Marinho, da Previdência social,

Meu caro Willian Dib, prefeito de São Bernardo do Campo,

Meu caro Jackson Schneider, presidente da Anfavea,

Senhoras e senhores representantes do setor automotivo,

Senhores que representam a rede Scania no Brasil,

Meu companheiro José Lopez Feijóo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,

Demais companheiros representantes do movimento sindical, da comissão de fábrica,

Meu caro José Carlos Moreira, de quem eu recebi a miniatura do caminhão, em nome de quem eu quero cumprimentar todos os companheiros aqui,

Meus amigos e minhas amigas,

Aqui eu estou no mesmo cenário em que vivi há 29 anos. Possivelmente essa juventude que trabalhe hoje na Scania não tenha lembrança de que foi aqui, na Scania, neste pátio, que nós começamos a conquistar a redemocratização do nosso País. Aqui, no dia 12 de maio de 1978, um grupo de trabalhadores resolveu exercitar – depois de muitos anos, porque o regime militar não permitia o direito de greve – uma conquista universal, que é o exercício da greve.

Eu estava no sindicato, às 8h da manhã, quando recebi o telefonema de que a Scania tinha parado. Era a primeira greve desde 1964. Eu vim aqui e naquela época nós não conseguimos fazer um acordo, na verdade, fizemos um acordo. Naquele tempo, o Mauro Marcondes estava na Volkswagen, o nosso

amigo Wolf presidia a Volkswagen, era um clima de muita efervescência política no País. Os partidos de oposição brigavam por democracia, brigavam por organização partidária, e os trabalhadores começaram, então, a levantar a sua cabeça.

Eu me lembro que aqui aconteceu uma coisa que foi a primeira grande lição de vida que eu tive. Eu fiz um acordo, os trabalhadores voltaram a trabalhar, e depois o acordo não pôde ser cumprido porque, meu caro Schneider, a Anfavea fez uma pressão enorme em cima da Scania, que foi obrigada a não cumprir o acordo que tinha feito conosco. E os trabalhadores ficaram, eu diria, cada um dentro do seu setor, isolados. Foi montado um forte esquema de segurança interno, e nós levamos alguns meses para recuperar a confiança dos trabalhadores. Depois fizemos o acordo com a Ford, na greve da Ford, e esse acordo foi estendido para todas as empresas do setor automobilístico. Eu estou contando esse episódio porque foi a primeira greve desde 1964, no próximo ano completa 30 anos, e eu diria que a maioria dos trabalhadores da Scania ou não era nascido ou era criança quando isso aconteceu.

De lá para cá eu sou testemunha da evolução da relação capital/trabalho. Eu sou testemunha das conquistas que vocês obtiveram nessa relação. A primeira comissão de fábrica surgiu em 1980. Num primeiro momento, na Volkswagen, a comissão tinha um conflito com a diretoria do sindicato, a cada acordo que a comissão fazia com a Volkswagen eu tinha que ir à porta da Volkswagen desfazer o acordo, porque naquele tempo o ministro do Trabalho, o saudoso amigo Murilo Macedo, tinha uma vontade imensa de encontrar na Volkswagen um trabalhador que pudesse assumir como interventor e que pudesse me tirar do Sindicato, porque embora eu não estivesse no Sindicato e estivesse cassado, a verdade é que a gente tinha muita liderança.

E, outra vez, a Scania deu uma contribuição enorme. A Scania tinha tido um presidente do sindicato, chamado Afonso Monteiro da Cruz, que era um trabalhador mensalista e que foi presidente do sindicato de 1959, quando foi fundado, até 1967. Como Murilo Macedo precisava de um interventor, e ninguém queria ser interventor porque a diretoria tinha muita representatividade dentro da fábrica, eis que eu vim aqui na Scania, procurei meu companheiro

Afonso Monteiro da Cruz e o convenci a ser interventor, porque o Murilo Macedo tinha perguntado para um dirigente sindical de São Paulo se ele tinha um conhecido aqui. Esse dirigente sindical conversou com o doutor Maurício, que era advogado do nosso sindicato, e o Maurício, então, me propôs encontrar o interventor. Então, eu montei uma junta de intervenção, o Murilo Macedo não sabia das minhas relações de amizade, indicou o Afonso, e no dia em que o Afonso assumiu como interventor no sindicato, ele entregou a chave para a diretoria cassada administrar o sindicato.

Eu estou contando este caso porque a Scania tem muito a ver com tudo isso, sobretudo os trabalhadores da Scania têm a ver com essa história da redemocratização do nosso País. Eu sei que, passados 30 anos, nem todo o mundo se lembra, nem todo o mundo participou mas, certamente, aquele ano de 78 marcou a conquista e o começo da democratização do nosso País. Portanto, por toda a vida, haverá sempre alguém reconhecendo que foi aqui na Scania que homens e mulheres, vestidos com seus uniformes, resolveram dizer: nós queremos conquistar a democracia e a democracia significa melhoria das condições de vida do povo trabalhador deste País.

Eu estou aqui vendo o meu amigo Vicentinho, deputado federal, estou vendo o Guiba, atrás do Vicentinho, estou vendo um companheiro meu do tempo que eu era criança na Vila Carioca, em São Paulo, o nosso Lamparina, que é outro que também tem uns 40 anos de Scania. Esse Lamparina, para quem não sabe, não foi profissional não sei por que, mas foi um dos melhores jogadores de bola que eu conheci na vida. Ele faria inveja ao Robinho, hoje. Bem, meus amigos, eu estou contando estes casos, porque eu estou me sentindo em casa. Aqui eu me sinto em casa, porque aqui vivi parte da minha vida.

Mas eu queria dizer aos empresários aqui presentes, aos trabalhadores, que o Brasil vive um momento muito importante neste começo de século XXI. Eu dizia ao presidente da Scania na América Latina, Michel, que não houve, em 118 anos de República, um momento em que o Brasil tivesse toda a sustentabilidade que tem hoje. A situação está arrumada, não existe nenhuma possibilidade, olhando para todo e qualquer cenário, interno ou externo, da economia brasileira não crescer. E o crescimento da economia significa geração de riquezas, que significa geração de empregos, que significa geração

de renda e que, portanto, significa mais crescimento. E para chegar à situação em que chegamos hoje, todo o mundo sabe que tivemos que comer “o pão que o diabo amassou”. Vocês estão lembrados que desde o começo eu dizia: não existe mágica em economia, ninguém inventa uma tese e coloca em vigor num país para dar certo. Todos que inventaram fazer mágica, quebraram a cara. A economia exige seriedade, exige visibilidade e exige, eu diria, uma credibilidade entre todos os atores que serão os beneficiários dessa política econômica.

Eu, de vez em quando, pergunto: quantos empresários imaginaram há três anos que o Brasil chegaria a ter 146 bilhões de dólares de reservas? De vez em quando eu me pergunto quantos imaginavam que o Brasil chegaria a ter um superávit comercial de 47 bilhões de dólares. De vez em quando me pergunto quantos acreditavam que a inflação iria chegar a 3,7%, estável, sem que haja nenhuma (inaudível), nenhuma falsidade, com números claros e objetivos, publicados todo santo dia.

Bem, isso garantido, permitiu que o Brasil pudesse começar a recuperar a massa salarial, que o Brasil pudesse se apresentar ao mundo como interlocutor respeitado. Vocês viram, agora, a Rodada de Doha, que se realizou em Bruxelas, e o Brasil, mais os países do G-20, dos quais participam China, Índia, África do Sul, Argentina e México, teve, pela primeira vez, a coragem de não ceder aos interesses das economias desenvolvidas, porque a União Européia e os Estados Unidos fizeram um acordo em que nem os Estados Unidos diminuiriam o subsídio para sua agricultura, nem a União Européia abriria qualquer flexibilidade nos produtos agrícolas. E queriam que nós abrissemos mão dos produtos industriais e do setor de serviços, e nós fizemos questão de dizer que tinha acabado aquele momento da subserviência. Nós queríamos ser tratados em pé de igualdade.

Vejam que absurdo, os Estados Unidos, nos últimos três anos, subsidiou em 15 bilhões de dólares a sua agricultura. No último ano, subsidiou em 11 bilhões de dólares, e queria colocar no acordo uma autorização para 17 bilhões de dólares de subsídios. Na verdade eles não queriam diminuir, eles queriam aumentar. A União Européia, falou, falou, falou, mas na hora de apresentar a carta que estava no bolso, não apresentou. O que eles queriam? Queriam que nós reduzíssemos o coeficiente dos produtos industriais. Para quê? Para mais

produtos dos países desenvolvidos entrarem no Brasil. E nós não poderíamos prejudicar a indústria nacional se eles não abrissem para a agricultura uma margem de competitividade que nós queríamos.

Nós só pudemos fazer isso porque estamos com a economia segura, porque somos capazes de fazer esse enfrentamento e porque estamos convencidos de que, no século XXI, o Brasil se transformará numa grande economia mundial. Chega de ser pequeno, chega de ser o país do futuro, chega de ser a esperança do mundo, chega de ser um monte de adjetivos que nunca se concretizaram. Nós agora vamos concretizar, e eu digo sempre que respeito é bom, a gente dá e a gente gosta de receber. E o mundo precisa aprender que o Brasil resolveu assumir a sua grandeza territorial, na sua grandeza e no seu comportamento político, porque é assim que a gente constrói uma grande nação.

A indústria automobilística é testemunha viva do que está acontecendo no Brasil. Aqui eu posso invocar o testemunho de velhos amigos da indústria automobilística. Vira e mexe, não vocês jovens, mas os pais de vocês se deparavam com fotografias nos jornais, com reportagens na televisão: “o pátio da Mercedes está cheio, não consegue vender”. “O pátio da Volkswagen e da Ford estão cheios, crise na indústria automobilística”. Já vi as empresas tentando mandar um monte de trabalhadores embora, e toca nós a ir para a porta da fábrica às 5 horas da manhã, xingar os empresários, e os trabalhadores chorando conosco. E não tinha jeito, mandou embora, mandou embora, não tinha o que fazer.

A gente chorava à 1 hora da manhã, chorava às 2 horas da tarde, chorava às 7 horas. O que aconteceu nesses últimos anos? Eu dizia ao Schneider: já faz algum tempo que não vejo a indústria automobilística dizer que está em crise, já faz algum tempo que, em vez de mostrar o pátio cheio, tem que mostrar o seguinte: quem quiser comprar um caminhão da Scania, tem que esperar três meses, porque não tem caminhão na praça; quem quiser comprar um outro caminhão, também terá que esperar. Até carro as pessoas estão esperando, não tem, como algum tempo atrás, as pessoas queriam comprar um carro e podiam comprar às 6 horas da manhã que às 7 horas já estavam com o carro na mão. Agora não. Obviamente que eu espero que volte a ser assim, porque vai aumentar a produção, as empresas estão contratando.

Eu me lembro de uma montadora que me procurou no ano passado para dizer que ia mandar 600 trabalhadores embora, e acaba de contratar 900. Eu me lembro de uma indústria automobilística que me procurou no ano passado para dizer que estava tudo perdido, e hoje está contratando mais 800 trabalhadores, e está vendendo como nunca vendeu. E estão não apenas exportando, estão vendendo no mercado interno, porque a economia crescendo, os trabalhadores têm mais empregos, têm mais salário. Eles também aprenderam a aumentar o número de prestações, em vez de 36 meses, pularam para 48, para 72, porque o trabalhador, para comprar um carro, muitas vezes não olha o preço final do carro. Quem olha são aqueles que pertencem à classe média alta. O trabalhador que vive de salário, ele vai olhar se a prestação do carro cabe dentro do seu holerite, se couber, ele vai comprar e está pouco se preocupando com a quantidade de mensalidades.

Portanto, eu poderia dizer para vocês que quando a Scania completa 50 anos de Brasil nós, brasileiros, somos obrigados a agradecer por essa empresa um dia ter tido a confiança, olhado o mapa do mundo e ter descoberto, aqui no Brasil, um potencial nicho de produção dos seus produtos. Mas ela também precisa agradecer, não somos só nós que temos que agradecer. A Scania também tem que agradecer, porque não é qualquer empresa do mundo que se dá ao luxo de viajar a quantidade de quilômetros que viajou para implantar uma planta aqui no Brasil e encontrar trabalhadores com a dedicação e a qualidade dos brasileiros. Eu posso dizer para vocês, sem nenhum medo de errar, que não existe na face da terra trabalhadores que tenham mais criatividade, mais dedicação e mais amor aos produtos que eles fabricam do que os brasileiros. Eu tenho recebido elogios em eventos internacionais de presidentes de empresas multinacionais, que começam dizendo para mim: “Presidente, de todas as fábricas que a gente tem no mundo, onde o trabalhador é mais dedicado é lá no Brasil”. Isso para muitas empresas multinacionais, automobilísticas e não automobilísticas.

E para isso nós estamos contribuindo, nós estamos construindo uma universidade tecnológica no ABC, está sendo construída a primeira fase, ali na Avenida do Estado. Nós queremos trazer um campus avançado para São Bernardo do Campo, onde nós esperamos ter, quando estiver funcionando na sua totalidade, entre São Bernardo e Santo André, aproximadamente 25 mil

alunos. Porque nós temos consciência de que a coisa mais qualificada hoje, e que será muito mais amanhã, é o conhecimento. Quanto mais conhecimento, quanto mais investirmos em conhecimentos tecnológicos, sobretudo numa região em que nós precisamos investir em engenharia, para que a gente não perca competitividade com outros países. Nós sabemos que isso vai permitir que os trabalhadores ganhem um pouco mais, possam melhorar a sua vida, e que as empresas brasileiras possam, cada vez mais, apresentar ao mundo produtos de melhor qualidade, a um preço mais acessível e mais competitivo com outros países do mundo.

Este País só está sendo construído agora, porque nós fizemos sacrifícios no começo do mandato. Os mais jovens talvez não se lembrem, mas já faz quatro anos e meio, o que nós fizemos em 2003 neste País foi uma coisa que eu duvido que qualquer outro governo tivesse coragem de fazer. E eu fiz porque eu queria gastar todo o potencial e o capital político das eleições para fazer as coisas que deveriam ser feitas, às vezes duras, às vezes incompreensíveis. Pensem, não é fácil quando a gente chega em um lugar e um trabalhador vem dizer que a gente não está fazendo as coisas corretas, que a gente o prejudicou, é difícil. A experiência que vocês têm de governar a casa de vocês, multipliquem isso por 190 milhões de habitantes e vocês vão perceber a dificuldade de governar um Brasil onde nem todos agem como filhos e nem todos querem que você aja como pai. Então, é muito difícil. Mas, graças a Deus, tudo que nós fizemos me permite hoje olhar para vocês e dizer aos trabalhadores: o Brasil nunca viveu o momento que está vivendo hoje.

Alguém poderá dizer para vocês: “Não, a economia brasileira já cresceu mais”. Já. No governo Juscelino Kubitschek o crescimento médio do mandato dele foi de 7%, mas a inflação, em média, era de 23%, portanto, a inflação comia o salário exatamente daqueles que recebiam o contracheque no final do mês. No “Milagre Brasileiro” todos se lembram que, em 1973, a economia brasileira chegou a crescer 14,3%, entretanto, naquele mesmo ano, o salário mínimo decresceu, porque não havia uma combinação entre o crescimento da economia e a necessidade de fazer política de distribuição de renda. E é por isso que eu saio daqui da Scania e vou ao Rio de Janeiro agora anunciar mais uma etapa do PAC. O PAC é um investimento que o governo federal está fazendo, com as suas empresas estatais, de 504 bilhões de reais em infra-

estrutura, em estradas, em portos, aeroportos,clusas, energia elétrica e, sobretudo, na área de urbanização de favelas e saneamento básico, onde são 40 bilhões de reais. Só o estado de São Paulo, no acordo que fizemos com o governador José Serra, entre dinheiro financiado, dinheiro do Orçamento e dinheiro do estado, são praticamente 7 bilhões de reais que vão ser investidos, para ver, inclusive, se a gente recupera e despolui as represas Billings e Guarapiranga.

Mais ainda. No Rio de Janeiro vão ser anunciados 3 bilhões para a gente urbanizar o Complexo do Alemão, que vocês estão vendo na televisão todo dia; para urbanizar o Complexo de Manguinhos, favelas com mais de 300 mil pessoas, e nós queremos entrar lá com estradas, luz, hospital, escolas, porque se o Estado não cumprir com o seu papel de dar condições ao povo, o narcotráfico dá, o crime organizado dá. Então, nós queremos competir com o crime organizado na certeza de que só vamos derrotá-lo na hora em que a gente conseguir levar benefícios para dentro desses lugares mais pobres do Brasil.

Acabei de criar uma Secretaria Especial para cuidar dos portos brasileiros. Não é possível que um País, que tem a costa marítima que tem o Brasil, que tem a quantidade de portos que tem o Brasil, e a gente muitas vezes não consegue o desempenho que deveríamos conseguir, porque tem entraves de tudo quanto é jeito. Eu, para resolver – nada contra os políticos, porque também sou político – mas indiquei um secretário especial para cuidar dos portos e disse para ele: eu não quero que os portos sejam repartidos entre os partidos políticos, quero um profissional dentro de portos para fazer funcionar, não quero saber se é ateu, se é cristão, se é negro, se é branco, se é mulher ou se é homem. O que eu quero é o resultado, facilitar para que os portos brasileiros possam receber produtos e mandar produtos para fora, mais baratos, mais rápido, porque é isso que, no fundo, no fundo, vai fazer com que a gente possa crescer ainda mais.

Portanto, meus amigos e minhas amigas da Scania, vocês viram que eu tinha um discurso por escrito, mas resolvi falar, não por que não veio aqui o teleprompter para eu ler, mas eu preferi falar com vocês com um pouco de emoção. De vez em quando os empresários falam para mim: “Presidente, o senhor precisa tomar cuidado com o câmbio”. As pessoas falam do câmbio

como se o presidente pudesse inventar um número mágico e dizer: o dólar vai valer tanto. Primeiro, todo o mundo que está aqui é favorável ao câmbio flutuante. O problema do câmbio flutuante é que ele flutua, ele não fica estagnado, porque senão eu vou ter que criar um câmbio para a indústria automobilística, um câmbio para a agricultura, um câmbio para a soja, um câmbio não sei para que. Não existe essa possibilidade. Vocês sabem que nós estamos comprando quase 12 bilhões de dólares por ano, intervenção do Banco Central para que a gente não permita...

Agora, qual é o problema do câmbio, que eu não ouço as pessoas dizerem? E todos vocês têm muita experiência e poderiam dizer, porque isso é política e isso pode arejar a cabeça da nossa juventude. O real não está valorizado em relação ao euro, o real está valorizado em relação ao dólar, porque o dólar está desvalorizado em relação a todas as moedas do mundo. O problema do câmbio, a gente tem que dizer, é um problema de um déficit fiscal nos Estados Unidos, que eles precisam consertar. Agora, como eles são muito grandes, as pessoas não têm coragem de falar e ficam achando que nós poderemos encontrar um dólar que seja do interesse de quem vende. Mas, se o dólar atender a quem vende, prejudica quem compra e, sobretudo, prejudica o trabalhador. Porque quando o dólar subir, sobe a inflação e, subindo a inflação, cai o poder aquisitivo do trabalhador brasileiro. E isso nós não vamos permitir, até porque quanto mais ganhar o trabalhador, mais o consumidor ganhará, mais a empresa crescerá, e mais a nossa economia vai ganhar a dinâmica de um país capitalista.

Uma das coisas que me inquietava é que teve um tempo em que eu dizia que era socialista. Mas aí eu fui presidente de um país capitalista, um país capitalista sem capital. Os empresários sabem, nós tínhamos 300 bilhões de reais de crédito, hoje são quase 800 bilhões de reais de crédito. Um trabalhador para conseguir um empréstimo no banco, se ele não tivesse um saldo importante, não conseguia. Hoje, com o crédito consignado, qualquer trabalhador pode pegar um empréstimo no banco. E qual é a garantia que ele dá? É o seu contracheque. Eu não sei se a Scania já fez acordo com algum banco, se não fez, pode tratar de fazer. E vai sair mais barato o juro, porque, se o País é capitalista, é preciso que as pessoas tenham dinheiro no bolso, não é isso? É importante que a empresa tenha dinheiro para capital de giro, dinheiro

para investimento. O BNDES levava 300 dias para liberar um financiamento, então, essas coisas todas estão mudando.

E eu posso dizer para vocês o seguinte: quando eu deixar a Presidência da República, o único legado que eu quero conquistar é o de poder encontrar os meus companheiros, seja na porta da Scania, da Volkswagen, da Mercedes, em qualquer porta de fábrica deste País e, pelo respeito que eu tive com vocês, e pelo respeito que vocês tiveram comigo, a gente poder se tratar de companheiros e companheiros.

Muito obrigado, parabéns à Scania pelos 50 anos, e espero estar vivo para participar da festa dos 100 anos da Scania no Brasil. Um abraço.